

Seminário de Filosofia

Olavo de Carvalho

Simbolismo e cultura moderna

Setembro de 2012

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Hoje, dia nove de setembro de 2012, nós temos aqui o aluno Lucas, que tem algumas perguntas, vou aproveitar, gravar e colocar à disposição de todos os alunos do Seminário.

Aluno: São duas perguntas. A primeira é sobre a questão do simbolismo. Isso é uma das coisas que se perdeu na modernidade, pelo menos da parte da intelectualidade da modernidade, isso é uma coisa que não existe mais. Qual é o problema, o que isso implica e afeta, o que os intelectuais da modernidade não podem ter jamais sem ter o conhecimento dos símbolos?

Não, não é que eles perderam o conhecimento dos símbolos; eles entendem perfeitamente os símbolos, mas só os entendem como criação cultural humana.

O que realmente se perdeu é a idéia da constituição simbólica da realidade enquanto tal. A concepção que acabou se consolidando na modernidade – não que houvesse essa concepção explicitamente, é o conjunto de atitudes, de modos de percepção, que se incorporou e se tornou mais ou menos espontâneo – é a de encarar a realidade como se fosse uma coleção de objetos. Cada um desses objetos é considerado ou como uma substância separada, ou como parte de um todo; mas parte de um todo compreendido, assim, no sentido mais ou menos mecânico da coisa: você tem o universo, tem as leis universais, e dentro disso os vários objetos se comportam segundo essas leis (se bem que a própria noção de lei foi se dissolvendo com o tempo, até chegar, hoje, na física quântica onde é difícil você falar de leis, fala-se mais de constantes estatísticas – ainda assim, essa é a idéia).

Agora, o fato de que nenhum objeto, nenhum ente é completo em si, porque ele sempre remete a outros, e de que as relações que ele tem com os outros fazem parte da sua própria constituição, essa idéia se perdeu.

Por exemplo, o fato de que você tem aqui um animal, e este animal se relaciona com milhares de outros tipos de espécies animais e cada uma destas espécies animais tem dele uma visão diferente – o exemplo que eu dou é o sapo, o mosquito e a águia: o sapo come o mosquito, então o mosquito sabe alguma

coisa a respeito do sapo, mas não é exatamente a mesma coisa que a águia sabe a respeito do sapo. Nós também sabemos alguma coisa a respeito do sapo, os outros bichos também sabem (as cobras também sabem)...

Essas várias visões, várias perspectivas, que as outras espécies têm deste animal, dissolvem, por acaso, a objetividade deste animal? Ele é apenas um conjunto de perspectivas e não é nada em si? Não, ao contrário. Ele é alguma coisa em si mesmo e essa coisa que ele é em si mesmo – a constituição própria dele – já contém, implicitamente, todas as possibilidades que ele tem de se comunicar com outras espécies: a constituição do sapo implica que ele seja visto de uma maneira pelo mosquito e de outra maneira pela águia, isso está também nele. Cada ente é uma coleção imensa de perspectivas que estão todas condensadas nele. E ele, por sua vez, tem também sua perspectiva sobre os outros – e este é o verdadeiro tecido simbólico da realidade.

Os entes não são meras relações, evidentemente, eles têm uma substância. Mas, da sua substância deriva um conjunto de propriedades que estão maravilhosamente articuladas em cada um.

Se você perguntar assim: o sapo teria a capacidade de trocar as perspectivas, de fazer com que o mosquito o enxergasse como a águia o enxerga? Não, ele não tem essa capacidade. Isso quer dizer que essas duas perspectivas estão ancoradas na constituição dele – ele não pode mudar isso.

Nesse sentido é que a própria realidade tem uma constituição simbólica. Então o simbolismo não é uma criação cultural, não é uma invenção humana, ele é um dado da realidade. Esse dado da realidade pode ser trabalhado pela cultura, a cultura pode descobri-lo e elaborar em cima. E ela pode, também, criar símbolos – existem símbolos que são criação humana, como nossas figuras de linguagem etc. Mas se não houvesse essa base natural do simbolismo, tudo se perderia.

Então, a idéia do simbolismo natural se tornou incompreensível para a modernidade (se bem que existem estudos, hoje, que começam a tentar redescobrir isso aí ou, como se diz hoje, “resgatar”; mas são estudos isolados, estudiosos isolados, que descobrem uma coisa, descobrem outra etc. – de modo geral, o simbolismo natural desapareceu).

Isso quer dizer que o que existe é, de um lado, a natureza como um dado meramente físico e, do outro lado, existem as criações culturais humanas. Qual é a conexão de uma com outra? Ninguém sabe.

Agora, quando você parte da base do simbolismo natural, essas articulações começam a se tornar muito mais claras.

Outro exemplo de simbolismo natural, que eu dou, é aquele que eu chamei a tripla intuição,¹ você conhece essa apostila?

Aluno: Sim.

O simbolismo da consciência interior como “luz”. “Ah, isso é apenas uma figura de linguagem, um modo de ver, um modo de dizer”. Não, isso tem um fundamento óbvio, porque houve uma época em que ainda não tinha energia elétrica e em que o ser humano ainda não tinha domínio do fogo: quando tinha sol, ele enxergava, e quando não tinha, ele não enxergava. Isso quer dizer que a presença da luz e a capacidade de enxergar eram coexistentes.

Aí você não tem aquela distância que existe entre o sujeito e o objeto. Por exemplo, aqui estou eu e aqui está esse objeto – esse copo. Eu posso considerar a visão que eu tenho deste objeto como se fosse apenas uma percepção minha: algo que está se passando no meu cérebro. E eu coloco a existência objetiva do copo entre parênteses. Mas eu posso fazer isso com a luz? Não posso fazer isso, porque a luz é a condição de possibilidade para que eu veja os outros objetos.

Então isso quer dizer “ah, esse objeto pode ser apenas percepção minha”? Não pode, porque entre eu e ele tem um “meio”. E este meio chama-se “luz”. E a luz, evidentemente, não está sob o meu controle – o meio luminoso é que permite que eu veja as coisas, então não é uma relação que existe entre o meu olhar e o objeto. Existe um intermediário, mas esse intermediário nos envolve. Ele não é como se fosse um canal que me liga com o objeto, uma linha que vai de mim ao objeto. Não; ele é o meio onde nós dois estamos, ele nos envolve e contém.

Tanto a minha capacidade de visão quanto a presença do objeto são funções da luz – isso ilustra essa estrutura simbólica da realidade melhor do que qualquer outra coisa.

Aluno: A natureza seria um dado objetivo concreto ou ela seria um símbolo?

As duas coisas. Aquilo que não é um dado objetivo concreto, não pode ser símbolo de nada. Aquilo que não existe, não simboliza nada. A presença física do universo é condição para que ele seja um tecido de símbolos.

Aluno: (...)

Tem, em primeiro lugar, o universo como dado imediato, como mera presença: a presença que está em volta de você e dentro da qual você está. Portanto, tem uma presença que você recebe e outra presença que é você mesmo. Isso é um dado imediato.

¹ Disponível em: http://www.seminariodefisofia.org/system/files/olavodecarvalho_tripaintuicao.pdf

O conceito da natureza, na ciência, é outra coisa. É um conjunto de recortes articulados, de observações, de conclusões articuladas. Isso é outra coisa.

O universo como tal, basicamente, não muda. Mas, o conceito científico da “natureza” muda. Porém, para ele mudar, é necessário que ele tenha como seu objeto a natureza no primeiro sentido, a qual não muda. Se a natureza mudasse junto com as concepções científicas, não daria para saber que as concepções científicas mudaram, porque não teria nenhum objeto permanente de referência para fazer as comparações.

E em terceiro, você tem toda a elaboração cultural dessa coisa.

Agora, o universo, como um tecido de símbolos, é outra coisa, ainda. Ele não é um mero dado. Esse dado diz alguma coisa para você. Por exemplo, você, desde que nasce, está dentro de um negócio que são as “direções do espaço”. E as direções do espaço são a articulação de todo o simbolismo possível: para frente, para trás, direita e esquerda, em cima e embaixo.

Então, quer dizer: você já está dentro de uma estrutura simbólica na hora que você nasce. Não é só uma estrutura espacial – essa estrutura espacial tem um significado. E ela tem significado em si mesma.

Aluno: Ou seja, tudo o que não é o meu eu verdadeiro, meu eu profundo, que eu estou chamando de “natureza”, na realidade, é um símbolo?!

Não sei, eu acho que a pergunta não está muito bem formulada, os conceitos estão misturados aí.

Aluno: O que eu estou tentando chamar de “natureza” não seria nem o que a ciência diz, nem essa natureza em oposição à cultura humana.

Não, a natureza como oposição à cultura é um conceito científico também – *isso é uma criação cultural!* A distinção de natureza e cultura é um produto cultural tardio. Se você pegar as civilizações mais antigas, essa distinção não existia.

Quando você vê, por exemplo, a idéia dos deuses no politeísmo grego. Os deuses são, inseparavelmente, forças da natureza e personagens autoconscientes, falantes, como os seres humanos. Foi mais tarde que se separou uma coisa da outra e se disse: “não; o elemento natural existe em si e o elemento falante, o elemento de subjetividade dos deuses, é uma criação humana”. Foi a ciência que falou isso, mais tarde.

Aluno: Eu poderia falar que a natureza é um símbolo no sentido que Aristóteles fala que a natureza é cultura obscura?

Não, a natureza é um conjunto, um enorme sistema de símbolos. E se ela é obscura em si mesma ou se é obscura para nós... Eu acho que esta última hipótese é a mais viável: é obscura para nós. Mas, se ela fosse obscura em si mesma, ela poderia funcionar? Ela não poderia ser totalmente obscura. A obscuridade é uma impressão que nós temos.

Na natureza, como em tudo mais, existem elementos de luminosidade e de obscuridade. Aliás, luminosidade e obscuridade são, ao mesmo tempo, dados naturais, físicos, e são símbolos. Inseparavelmente.

Aluno: E a natureza é uma realidade que vem de próprio?

É claro que é uma realidade, é evidente. Quando você nasce ela já está aí. É concebível a existência da natureza sem o homem, mas não do homem sem a natureza. Você pode conceber que houve uma natureza antes do aparecimento do ser humano. Mas o contrário não é concebível.

Aluno: Do ponto de vista da criação da vida...

Não; por qualquer ponto-de-vista. Tanto do ponto-de-vista bíblico ou do ponto-de-vista evolucionista, a natureza existe antes do homem.

Aluno: Porque dá a impressão que ela está aí em função do ser humano, não é? O ser humano é uma criação de Deus e Deus cria a natureza para estar aí em função do homem.

Isso é o que nós achamos, não é? Porque nós viemos por último. Mas se Deus quisesse parar a criação no terceiro dia, Ele não poderia? Claro que poderia.

Aluno: Você acha que a natureza é hostil?

Às vezes hostil; às vezes favorável. Isso não vem ao caso, aqui.

Nós dizemos: “Deus fez a natureza para nós”. Então, nós seríamos a finalidade. Mas isso não torna a natureza dependente de nós. Tanto não é dependente de nós, que, você veja, o ser humano não é naturalmente adaptado à natureza. Se fosse adaptado, não existiria tecnologia, não existiria nada, nós estaríamos no meio da natureza, pastando, felizes, como bois, e sem problemas, está entendendo? O homem é desajustado em relação a natureza – ele pertence a ela, sob certos aspectos; mas, sob outros aspectos, ele está fora dela.

E isso é universal. Você não vai encontrar nenhuma população tão primitiva que ela não tenha nenhuma técnica. Mas espécies animais, você encontra. Os leões têm algum aparato técnico que eles tenham inventado? Não. Eles

(perfeitamente) já nascem com todo o equipamento que precisam para comer as zebras – o negócio é pegar...

O ser humano mais primitivo tem alguns instrumentos. Por que ele precisa desses instrumentos? Porque ele não está perfeitamente adaptado. Ele tem a capacidade – a potencialidade – de criar novos meios de adaptação. Algum deles é satisfatório? Não.

Nenhuma tecnologia é plenamente satisfatória para as finalidades que ela se propõe. E por isso mesmo existe o progresso da tecnologia. “Ah, chegou num estado perfeito, não dá para progredir mais”. Então o homem estaria com aquela “dose” de tecnologia perfeitamente adaptada à situação. Mas isso nunca aconteceu, nem vai acontecer. Porque a tecnologia também – ela por si mesma – modifica o ambiente.

Então, você estava, num ambiente, mal adaptado. E você inventa uma tecnologia para se adaptar. Só que, daí, a tecnologia modificou o ambiente, de novo, e pode criar uma nova inadaptação. E assim por diante, nunca termina.

Quer dizer que “o homem é a culminação da natureza”? A culminação e a finalidade? Eu digo: bom... Você pode dizer isso, mas isso não é totalmente exato. Sob certos aspectos é assim; mas, sob outros não é. Então, é uma figura de linguagem, não é uma coisa rigorosa. É um modo de dizer, uma impressão que nós temos.

Às vezes, nós temos a impressão de que somos o coroamento e finalidade da natureza e, às vezes, nós temos a impressão de que estamos exilados dentro dela, de que ela não foi feita para nós e de que nosso lugar não é aqui. Não temos as duas impressões? Então... É uma figura de linguagem.

Quando você se sente de um jeito, você fala de uma maneira; quando você se sente do outro, você fala de outra maneira. Nenhum dos dois corresponde, exatamente, à realidade, mas a uma tensão entre as duas coisas e você não sabe, exatamente, qual é a solução dessa tensão. Provavelmente, porque ela é um elemento constitutivo da nossa condição.

Aluno: Essa minha preocupação de entender esse simbolismo da natureza seria por ter ouvido, em algumas aulas, o senhor dizendo que tudo isto que está em volta, que está externo à gente, nos ajuda a repensar nossa unidade...

Sim.

Agora, veja: tudo depende de você conseguir colocar as perguntas de uma maneira que funcione. E, para colocar as perguntas, você precisa de muito conhecimento.

As perguntas surgem, no nosso interior, antes que a gente tenha os conhecimentos necessários para formulá-las de uma maneira proveitosa. E esse é o grande drama humano, você está entendendo?

Isso é o que eu chamo o trauma da emergência da razão.² O sujeito nasce com a capacidade da razão e, por isso mesmo, você tem perguntas. Você nasce com a razão, mas não nasce com conhecimentos. Então isso quer dizer que você é capaz de ter dúvidas, perplexidades e sofrimentos, de tipo racional, dúvidas profundas que você não tem sequer os elementos e a linguagem para formular corretamente.

Isso quer dizer que a faculdade da razão não surge, no homem, como se fosse um instrumento que está a sua disposição. Ela surge, também, como um problema, porque ela te coloca dúvidas que estão não só acima da sua capacidade de resolver, mas até da sua capacidade de formular.

Para formular corretamente uma questão, nós temos que saber como essa questão foi tratada ao longo dos tempos, qual é a terminologia exata, quais são os conceitos descritivos necessários, para, daí, sim, a gente formular: “o problema é este”. Antes disso, a gente está Tateando, não no meio do problema: nós estamos Tateando no meio da linguagem, tentando encontrar a linguagem para expressar o problema.

Quer dizer: a possibilidade de o sujeito progredir nesse tipo de conhecimento é ele ter a paciência de saber que ele tem perguntas que não sabe nem formular e que vai ter que esperar um tempo.

As próprias perguntas que você está formulando aqui – para formular corretamente essas questões, você precisaria ter um bocado de conhecimentos filosóficos. A sua pergunta vem de uma maneira meio disforme, de maneira que eu tenho que adivinhar o que você está querendo dizer. Mas isso é natural, faz parte do aprendizado.

Então, isso quer dizer que as respostas não vão funcionar muito, porque a sua pergunta não apreende, direito, o objeto, ainda.

Aluno: Eu vou tentar ser mais claro e direto o possível...

Vou lhe dar um exemplo. Meu filho Tales, quando era pequeno, um dia, me perguntou assim: “onde fica a fábrica da batatas”? Qual é a possibilidade que ele tem de receber uma resposta? Nenhuma. Ele quer saber qual é a origem, de onde vêm as batatas; mas, como a origem de tudo que ele conhece foi uma

² Cf. http://www.seminariodefilosofia.org/system/files/olavodecarvalho_traumaemergenciarazao.pdf

fábrica, ou foi alguém que fez, então, ele também supôs que foi alguém que fez as batatas.

Eu teria que explicar para ele que existem objetos naturais, que existem objetos de fabricação humana etc., para, daí, chegar na questão das batatas. A pergunta – a formulação dela – é absurda, mas ela mostra uma curiosidade real sobre alguma coisa que é perfeitamente real.

E esse é que é o problema: não é tanto você saber as respostas, mas saber articular as perguntas direitinho. Às vezes, mesmo quando você sabe articular as perguntas, você não tem as respostas.

Aluno: A segunda pergunta seria idêntica a primeira: qual a relação entre a alma imortal com a natureza e os poderes da alma imortal sobre a natureza, não só fisicamente, mais materialmente imediato, mas, quais seriam os mais profundos...?

Veja: dentro do processo natural, todas as ações, todos os processos, estão limitados pelas possibilidades da própria natureza.

O ser humano pode recorrer a Deus – uma tartaruga não pode fazer isso, um leão não pode fazer isso, um elefante não pode fazer isso. Ou seja, você tem o canal direto com um poder que transcende infinitamente a natureza. O que mais você quer?

Aluno: (...)

E, por outro lado, você precisa ver que se a alma é imortal, ela dura mais do que a totalidade do universo físico existente. O conjunto das almas humanas é uma dimensão de realidade que vai infinitamente acima do universo físico.

Aluno: Ou seja: tem poder sobre o universo físico.

Claro que tem. Não poder direto, pessoal; mas tem o poder de interferência através do apelo a uma instância superior. Você pode, por exemplo, cortar processos naturais que já estão em andamento: o sujeito está com câncer terminal, ele vai morrer; ele faz a prece e, de repente, aquilo desaparece. Quantas vezes isto não aconteceu?

E isto não depende do seu conhecimento – essa é uma capacidade que você tem. Pode ser com o sujeito mais ignorante do mundo; o canal de comunicação com Deus, todo mundo tem. E isto, efetivamente, age sobre a natureza.

As pessoas não se interessam por isso, hoje, elas não querem saber. Se você, por exemplo, estudar as obras dos filósofos do século XX: quantos deles leram um livro sobre milagres? Quase nenhum. Eles não sabem nada a respeito. Zero.

Então, para eles isso não existe – não existe porque eles não foram lá perguntar.

Aluno: (...)

E, no entanto, por exemplo, quando você vê aquela história do padre Pio: chegou uma menina sem pupilas e fez a menina enxergar sem pupilas... Meu filho, isso é mais importante do que as duas guerras mundiais, está entendendo? Isto é um acontecimento central, que mostra, claramente, que a alma humana existe numa dimensão que transcende a sua própria existência física. O que pode ser mais importante do que isso?

Quanto durou as duas guerras mundiais? Somando tudo, foram oito anos – quatro, uma; quatro, a outra. O que é isto na escala de imortalidade? Não é nada.

Aluno: Eu poderia dizer que o pré-requisito da salvação seria eu reconhecer que eu sou eu mesmo, a minha unidade...?

Reconhecer sua condição de alma imortal é básico. Porque se você não sabe nem que é imortal, como é que vai se interessar em saber se vai para o céu ou para o inferno? Então, a questão da salvação só existe para quem tem consciência de imortalidade; senão, não.

Mas é claro que essa consciência, no ser humano, mesmo que você a tenha – quer dizer: você já entendeu que a coisa é assim –, isto não quer dizer que você possa se comportar, conscientemente, como alma imortal, o tempo todo. Porque noventa por cento da sua atenção, pelo menos, vai estar ligada em elementos do imediato, que é para a sua sobrevivência física. E você vai ter que prestar atenção nisso.

Você pode até estar querendo prestar atenção na alma imortal, mas você vai ter que, por exemplo, acordar, levantar, tomar café, tomar banho etc., e o que isto tem a ver com a alma imortal? Não tem absolutamente nada, mas você vai ter que se ocupar disto.

Então, isso quer dizer que o apelo do mundo físico mantém a nossa atenção grudada em coisas do ambiente imediato, de modo que você perde a consciência da escala real, na qual você existe. Mas, depois, você relembra de novo – então o homem está sempre indo, assim, do grande para o pequeno, na escala de tempo.

Aluno: (...)

Por exemplo, se você está sob um perigo imediato, você tem que agir imediatamente: aqueles dois ou três segundos, ali, vão concentrar toda a sua atenção, como se aquilo fosse a duração eterna, toda a duração, do cosmos. Se bem que, em termos de eternidade, aquilo é nada.

Nós vivemos dentro dessa dupla escala de tempo: do grande e pequeno. E também da escala de espaço – grande e pequeno. Porque, em termos de eternidade, você não tem limitação do espaço – mas, aqui, você tem.

Aluno: Pois é.

Quer dizer: a ação da alma humana sobre o ambiente físico não é direta – é através de Deus. Mas, você tem esse canal com Deus, que nenhum outro tem: um tijolo não tem, uma minhoca não tem, um elefante não tem; só nós temos. Só nós podemos falar com Deus e pedir alguma coisa. E o fato de que essas preces sejam respondidas, é o fato fundamental da existência humana.

Porque o problema não é assim: o sujeito pensa nas religiões, sistemas de crenças etc. Bom, isso são coisas que os homens pensaram: fulano pensou isso, pensou aquilo etc. Mas, é evidente que tudo isto somado só tem uma importância histórica ou cultural. Agora, importância objetiva, essas coisas só podem ter se Deus existe e se Deus responde; senão, não – são apenas idéias que você teve.

O que interessa não é a religião; é a ação divina, a qual não depende da sua religião, não depende das suas crenças, não depende de absolutamente nada: é uma liberdade divina.

O fato de que o próprio Deus tenha criado uma dialética entre a nossa crença e a ação d'Ele, é um dos milagres mais extraordinários. Porque, quando Cristo fala “a tua fé te salvou”, como que a minha fé pode me salvar? Você é que me salvou! Mas Ele vinculou uma coisa à outra. “Eu salvei, *porque* você demonstrou a fé” – mas a fé não é a causa; a fé é apenas a ocasião. A causa é a ação divina.

Deus quer que você dê a Ele um *pretexto* para curar você. E esse pretexto é a sua fé. Mas a fé não é a causa. Essa estória de que “a fé remove montanhas” – a fé não remove um palito –, quem remove é Deus!

Então, Deus, para não dizer que Ele fez tudo gratuitamente, Ele diz que a sua fé interferiu na coisa. Mas se Ele quiser curar você, ou salvar você, sem fé nenhuma, Ele também O pode fazer. Nada pode impedi-Lo de fazer.

A coisa que mais interessa é observar e documentar a ação divina no mundo; não o fenômeno das religiões, porque esse é um fenômeno separado. A religião

é apenas o que nós pensamos de Deus – uns pensam assim, outros pensam assado etc. Mas, olhe, e o próprio Deus, o que Ele pensa? Se Ele não existe e não pensa nada, então as religiões são só um fenômeno histórico-cultural, local, elas não têm um alcance cognitivo sobre a realidade.

E se as religiões estiverem todas erradas, incluindo a católica, se tudo o que os padres falam estiver tudo errado? Bom, isso aí não interfere em nada na ação divina sobre o mundo. Você vai dizer que antes que aparecesse, por exemplo, o judaísmo, Deus não agia? Agia. E antes que aparecesse o cristianismo? Mais ainda. Deus começou a agir muito antes da criação.

O essencial de tudo isto é a ação divina: a ação divina existe e ela pode ser documentada.

Se você pensar, por exemplo, em compreensão da História, teorias da História... Um bocado de gente fez teorias da História, investigou a História etc., mas isso deveria – como toda ciência (i.e., conhecimento objetivo) – e deve te dar a capacidade de previsão dos acontecimentos.

Por exemplo, se você é mordido por uma cobra, o cara que estudou as cobras tem que saber, mais ou menos, “bom, daqui a trinta minutos vai aparecer uma febre, depois vai dar isso etc. – e, no fim, você morre”. Ele sabe o que vai acontecer.

E, no campo da História, quem sabe o que vai acontecer? Eu sei quem sabe o que vai acontecer: Nossa Senhora sabe. Porque ela disse, antecipadamente, e tudo aconteceu exatamente como ela disse. Quer dizer: em 1917, ela disse o que está acontecendo hoje, com uma exatidão absolutamente impressionante! Então, ela tem o conhecimento.

Essa gente quer saber o mistério da História? Bom, é melhor começar perguntando para Nossa Senhora.

Agora, se você vai falar isso para um cientista social materialista, ele te dá, na cara, aquela risada de ignorante, do cara que nunca estudou o assunto, que não sabe de coisa nenhuma, tem medo de estudar o assunto, porque a coisa o coloca numa dimensão cognitiva imensamente superior à dele – então, é mais fácil ele ficar lidando com estatísticas de produção, orçamentos militares etc., e tentar prever com base nisso. E errar sempre!

Quando você pega a profecia de Fátima³ – *opa!* – é tudo meticulosamente exato. Quer dizer: é o conhecimento divino, mesmo, aquele negócio não falha. E se a pessoa disser: “não, foi coincidência”? Eu digo: mas, por que nunca acontece

³ Cf. http://www.pastorinhos.com/livros/pt/MemoriasI_pt.pdf

uma “coincidência” com aquilo que você fala? Você fez uma previsão e, por coincidência, ela se realizou – isso nunca acontece com você...

Aí, é você pegar a noção de “coincidência” e divinizá-la. O poder da coincidência se torna uma espécie de deus – só que é um deus cego, que faz acontecer, aqui, uma coisa, aqui, outra; e faz todos aqueles processos por acaso.

Só que, se é assim, quer dizer: se o universo, de fato, é governado pela coincidência, não há possibilidade de nenhum conhecimento científico; vamos desistir, já!

Se não há uma conexão – uma interconexão –, não dá para conhecer nada. E se há essa interconexão, bom, você tem que procurá-la no nível mais alto e mais claro. E esse nível, mais alto e mais claro, é o que aparece na profecia.

Tudo isso que eu estou falando faz parte da inteligência natural humana. Eu não estou usando, aqui, nenhum dado da revelação, não estou me baseando em texto bíblico e, mesmo a profecia de Fátima, eu não a estou encarando como se ela fosse uma revelação: encaro, simplesmente, como fato que aconteceu.

E dentro desse fato (quer dizer, foi uma constelação de fatos, enormemente complexa: a convocação dos três menininhos; depois, a data marcada; depois, aquele acontecimento com o sol e o conteúdo profético – tudo isso, articulado, é o milagre de Fátima; não é nem um pedaço, nem o outro), a inteligência natural humana tem a capacidade de perceber a unidade em tudo isto.

Nós percebemos que foi uma seqüência única de acontecimentos, que inclui uma mensagem dotada de sentido e que se cumpriu – isso, a inteligência de qualquer zé-mané pode perceber. Existe alguma ciência capaz de conhecer isso? Não tem.

Aluno: Ou seja, a atitude do cientista é uma atitude de vontade de negar, de fugir do problema.

De fugir da realidade. Porque, por exemplo, ali, você viu que Nossa Senhora marca uma data para as pessoas irem. Elas vão; e aquele fenômeno do sol acontece naquela data, naquela hora. “Ah, foi um fenômeno astronômico etc.” Muito bem, agora você vai me explicar a conexão entre este fenômeno astronômico e a convocação que foi feita (e o fato de que as pessoas tenham atendido à convocação); me explique essa conexão. Existe uma ciência que estude isto? Essa ciência é impossível.

Só que, além de explicar isso aí, você também teria que explicar a conexão entre estes dois fatos e a realização da profecia posterior!

Ou seja: aquilo que a inteligência natural humana percebe como um fato único – um sistema único, coerente, de fatos dotados de sentido –, as ciências, todas, somadas, não são capazes de reconstituir.

Então, isso quer dizer que quando o pessoal começa a privilegiar o conhecimento científico acima da inteligência natural, as ciências se tornam um instrumento de imbecilização, que te impede de perceber a unidade de coisas cuja unidade você já percebe!

Por exemplo: quando você conhece uma pessoa. Você conhece a sua mãe – como você sabe que sua mãe é sua mãe? Você vai somando detalhes ou você já sabe tudo inteiro? A sua mãe é apenas uma aparência física? Não, ela tem uma personalidade, tem uma história, tem uma relação com você... Tudo isto você percebe junto, isto é a unidade da pessoa dela!

Então, agora, você pega o seguinte: “nós vamos pegar a sua mãe e nós vamos estudá-la e medi-la sob todos os aspectos possíveis; nós vamos pegar, primeiro, toda a seqüência de acontecimentos biográficos, a linguagem que ela aprendeu, a hereditariedade; daí, vamos medir a pressão, a composição do sangue etc.; o lugar na sociedade, a renda, a renda ‘mínima’ etc., tudo, tudo, tudo”. Soma tudo, você a compõe, ela? Não compõe!

Se você, atentando para os detalhes científicos, perde o senso da unidade, é como a estória do Humpty Dumpty – o ovo que quebra, em tantos pedaços, que você não pode recompor mais.⁴ Aí, a ciência vira um modo de imbecilização.

A ciência pode aperfeiçoar – afinar – a inteligência natural sob certos aspectos; mas não pode substituí-la, jamais.

Aluno: É paradoxal essa apreensão da unidade, porque, ao mesmo tempo, eu não tenho minha unidade...

Claro que você tem. Você não pode pensá-la – esse é o problema!

Por exemplo, você pode conhecer – e conhece – a unidade: você não conhece a sua mãe?

Aluno: Sim.

⁴ “Humpty Dumpty sat on a wall, Humpty Dumpty had a great fall. Four-score Men and Four-score more, Could not make Humpty Dumpty where he was before” (Samuel Arnold, Juvenile Amusement, nº 68, 1797).

Você percebe a unidade dela. Agora, você consegue pensar essa unidade? Você não consegue.

Quando você se lembra da sua mãe, você só lembra um aspecto ou outro. Quando você pensa, aparece uma imagem dela (por exemplo) e essa imagem tem alguma idade. Mas, antes de ter essa idade, ela teve as outras – você consegue ver todas as imagens, de todas as idades, ao mesmo tempo? Não. E, no entanto, quando você a vê, você sabe que ela é o estágio atual de uma série de idades que ela teve, e que ela traz a marca de tudo isto – e você sabe isto, instintivamente e imediatamente!

Tem coisas que são cognoscíveis, mas não são pensáveis. É isso o que eu chamo de conhecimento por presença:⁵ são coisas que você só pode conhecer na execução do ato de viver e se relacionar com as coisas. Aquilo não pode ser transformado num estado de consciência, num elemento mental.

Aluno: E, por exemplo, no estágio final, depois da morte, a forma final dela, que vai se apresentar diante de Deus?

Você sabe que, alguma, ela tem. Esta você não pode saber, porque depende da liberdade divina. Não tem como saber. Mas, você sabe que ela vive dentro desse mistério.

Você sabe tudo isso. Quer dizer: instantaneamente, nós sabemos um monte de coisas, que a somatória de todas as ciências, existentes e por existir, não poderá reconstituir jamais.

Em parte, a existência das ciências deriva duma certa desconfiança que nós temos da nossa inteligência natural: nós precisamos tomar certas precauções, precisamos medir as coisas corretamente etc.

Acontece que, quando você vai medir, você só pode fazer uma medição de cada vez. Então, a medição torna a sua observação mais exata – mas, mais exata, só sob certos aspectos. Às vezes, em troca de obter uma medição mais exata, num certo ponto, você perde a visão do objeto que estava querendo conhecer: agora, você só conhece aquele aspecto. Você trocou uma coisa, real, por outra, hipotética, que só existe mentalmente – os conhecimento científicos, todos, só existem mentalmente.

⁵ Cf. aula 2 do curso “A Consciência de Imortalidade” (O conhecimento por presença e o acesso ao mundo real), disponível em: <http://www.seminariodefilosofia.org/cursosavulsos/consciencia-de-imortalidade>. E, também, a aula do Seminário de Filosofia, “Imaginação e unidade do real”, disponível em: <http://www.seminariodefilosofia.org/node/478>, cuja transcrição parcial, de Eduardo Dipp, encontra-se atualmente disponível no Grupo de Transcrição do Curso Online de Filosofia: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=forums&srcid=MDkwMDM4NjE5OTkwMjgyMjc1NTUBMDQxMzcwMDAxMzMONDEzNTU3OTYBTXBTUFRjblp1ZzhKATQBAXYy&pli=1>.

Aluno: São abstrações.

Aristóteles dizia que a ciência se baseia no conhecimento espontâneo, natural; se baseia e o aperfeiçoa, sob certos aspectos. Mas, ela não pode jamais substituí-lo. Ao contrário: ela tem que estar subordinada a ele.

Ou seja: entre aquilo que qualquer pessoa comum percebe e o que o cientista diz, você tem que privilegiar o que qualquer um percebe. E, se o que o cientista diz, se opõe ao que todo mundo percebe, o cientista está errado. Mesmo que, sob certo aspecto determinado – que é o aspecto da sua ciência – ele esteja certo; no conjunto, ele estará errado.

Quando Sir Arthur Eddington dizia: “isto, que vocês têm a impressão que é uma mesa, na verdade, é um aglomerado de átomos”, você poderia responder: “não, professor; isto que, sob certos aspectos, é um aglomerado de átomos, sob outros aspectos, é uma mesa”. E estas duas dimensões – a constituição submicroscópica da matéria e a aparência visível que ela tem nesta nossa escala – estão articuladas, umas com as outras, inseparavelmente. E isto é a realidade da mesa.

Agora, você não pode trocar a realidade pela aparência que a mesa mostra sob o aspecto da física atômica – porque isto é só um aspecto e não é um objeto real. O aspecto que a física atômica realça, pode ser integrado no objeto real; mas, o objeto real não pode ser reduzido ao aspecto da física atômica.

O senso do fato concreto é uma capacidade natural humana, mas ele pode ser adestrado e aperfeiçoado, também, pela disciplina, pela filosofia e pela crítica do conhecimento.

Para isso, a primeira condição é a seguinte: você vai ter que se acostumar com a idéia de que você sabe infinitamente mais coisas do que você é capaz de pensar. Você sabe, mas não tem o domínio desse conhecimento.

Aluno: Os quatro testemunhos: das coisas que eu sei que sei; que eu sei que não sei; que eu não sei que sei; e que eu não sei que não sei.

Sim. Essa infinidade de coisas que você sabe, você sabe que sabe; mas não tem o domínio delas porque não é capaz de representá-la mentalmente.

Vou te dar o exemplo mais simples: você sabe ou não sabe que, em volta desta sala, existe o jardim da casa? Você sabe ou não sabe que, além do jardim da casa, tem a rua? Você sabe ou não sabe que, além da rua, tem outra rua? E assim por diante.

Se você esquecesse isso, por um único minuto – se isso desaparecesse da sua consciência –, você estaria totalmente perdido! E, no entanto, você não é capaz de pensar tudo isso ao mesmo tempo, ou seja: você sabe tudo isto, mas não é capaz de transformar em representação mental.

Onde está guardado todo esse conhecimento que você tem? No seu cérebro?

Aluno: Não; é direto no eu.

Está guardado no próprio universo. Isso quer dizer que o universo é o nosso HD – nosso conhecimento não está no nosso cérebro, não; o que está no cérebro é uma parte infinitesimal. O mundo é um sistema mnemônico.

Aluno: Não daria para dizer que o que eu conheço faz parte do meu eu, da minha alma imortal? Que passa a fazer parte, quanto mais eu vou conhecendo?

Se você for encarar isso sob o aspecto da alma imortal, a coisa muda de figura; mas eu estou falando desta vida aqui. Nesta vida, você conhece infinitamente mais coisas do que você é capaz de pensar. E onde estão guardados esses conhecimentos? Eles não estão guardados em parte alguma. Não estão no seu cérebro – eles estão no próprio mundo.

Acontece que nós estamos acostumados a pensar assim: aqui, tem a minha consciência; e lá, tem o mundo – como se fosse coisas separadas. Não são coisas separadas! A sua consciência, sem o mundo em torno, desaparecia completamente.

Você já viu essa experiência de privação dos sentidos? Enterra o cara a cinquenta metros abaixo do solo, onde ele não recebe nem luz, nem som, e você o isola das suas próprias sensações tácteis – a pessoa não agüenta cinco minutos!

Isso quer dizer que a informação recebida do mundo – a presença do mundo externo – é um elemento da nossa consciência. Sua consciência não está no seu cérebro. Sua consciência está em tudo em volta – não em modo de pensamento; em modo de presença.

Imagine, por exemplo, se o ambiente externo no qual você vive, mudasse a todo o momento, sem você perceber: cada vez que você pisca, está num lugar diferente. Você conseguiria continuar pensando? Não, não conseguiria. Sua inteligência ia se esfarelar completamente.

Quer dizer: a estabilidade e a presença do mundo exterior fazem parte da estrutura da nossa inteligência. Por isso é uma estupidez dizer que a consciência está no cérebro. E onde está o cérebro? O cérebro está dentro do

cérebro? Não; o cérebro está no mundo físico, porra! Está entendendo? Não só está no mundo físico, mas está dentro do seu crânio; o qual está no topo do seu pescoço; que está na sua cabeça; que está no ambiente em torno!

Então, isto é a sede da sua consciência – a sede da sua consciência é o universo; apenas tem um foco na sua presença física momentânea (um foco articulador).

O lugar onde eu estou – o meu lugar no espaço – é o foco articulador (não posso dizer nem da minha consciência) do meu pensamento, ou seja, da minha representação dos elementos de consciência. Mas, a todo o momento, nós estamos conscientes de coisas que estão infinitamente acima da capacidade de ser pensadas.

Por exemplo, você está falando com um sujeito chamado Olavo. Você pode pensar o Olavo? Não, você pode pensar no Olavo, sob um aspecto, ou dois. Mas, é com esse aspecto que você está conversando? Não, você está conversando com a pessoa inteira – e você sabe disso!

O conceito de consciência que as pessoas têm, hoje, na ciência “moderna” é ridículo, pueril. Eles estão arranhando uma coisinha que mal chegaram a perceber.

Você conhece aqueles trabalhos do Rupert Sheldrake? Que descobriu a tal da ressonância mórfica?

É o seguinte: aqui, tem um laboratório, e tem um ratinho aprendendo a sair do labirinto. De repente o ratinho – puff! – descobre. A vinte quilômetros de distância tem outro ratinho e, naquele mesmo momento, o ratinho percebe a mesma coisa. E no outro laboratório também – e no outro também, e no outro também.

Foi um ratinho que transmitiu para o outro? Não; não houve transmissão alguma. Simplesmente, a atividade cognitiva do ratinho está se dando dentro de um ambiente cósmico, que é o suporte dessa atividade cognitiva.

Portanto, não é de estranhar que várias pessoas percebam a mesma coisa, ao mesmo tempo. Não é coincidência e, também, não é uma relação causal. E, também, não é uma mera sincronicidade, como dizia Jung, porque “sincronicidade” não é uma explicação; é o nome do problema!

Então, só tem uma explicação, eu digo: a presença do universo é um elemento estruturante da nossa consciência.

Também auxilia a gente a apreender a nossa unidade...?

Olha, a nossa unidade só existe na escala da eternidade e só existe perante Deus. Fora disso, nós não temos unidade nenhuma, nós somos um farelo. A unidade do ser humano é de tipo metafísico – e só.

Não adianta você querer “apreender” a sua unidade – é como querer pegar água na mão. Tem que aceitar. Você tem que aceitá-la e vivenciá-la, só. Desistir de pensá-la.

Aluno: Mas, durante a vida, a gente está tomando forma – como no exercício do necrológio, por exemplo...

Não; a sua biografia está tomando forma.

Aluno: Até o final da minha vida, quando eu morrer, eu vou adquirir uma forma final que foi o resultado de toda a minha vida...

Não. Veja: você está querendo alcançar um tipo de autoconhecimento mental, ou seja, uma representação de si mesmo. Isso é impossível, inútil e prejudicial.

Eu não posso conhecer a minha forma como um todo, porque eu só tenho forma perante Deus.

Aluno: Claro.

Além disso, a minha forma está continuamente mudando. E ela só vai parar de mudar na hora em que eu morrer.

No entanto, eu vivencio a minha unidade. Eu posso vivenciá-la e posso ter consciência dela – mas eu não posso pensá-la. Na hora em que você quer pensar, ela escapa da sua mão.

É como uma pessoa que você ama: você está curtindo a presença dela etc. De repente, você quer pensar ela. Bom, para pensar, você tem que fechar os olhos, parar de prestar atenção nela e começar a prestar atenção no seu pensamento. Não é assim?

Então, quer dizer: a unidade do ser humano é matéria de experiência imediata, mentalmente inapreensível. Da experiência existencial. Por isso, não é necessário você ter uma representação...

Aluno: Mas pode ser objeto de estudo, mesmo que não seja pensável.

Pode, mas não sei se vai ajudar muito.

Esse é o problema.

Sabe o mito do Narciso? Que o sujeito quer um espelho? Ele quer um espelho? Só o ser humano fica atrás de um espelho: “é para saber quem eu sou”. Eu digo: você já sabe, desgraçado! Agora, se você tentar pensar, o que você está procurando, escapa! Esse é o mito do Narciso – e as pessoas não entenderam até hoje.

Você pode pensar sob um aspecto da sua vida, sob outro aspecto... Mas, querer obter uma imagem de você? É fazer buraco n’água.

Para ter uma imagem completa de si mesmo, você precisaria existir só na esfera do seu pensamento. Cessar de existir realmente.

Por exemplo: se você vai escrever um romance, você inventa um personagem. E você sabe, a respeito desse personagem, tudo; porque, além do que está escrito ali, ele não existe – ele só existe naquilo que está escrito.

Então, um personagem de romance é inteiramente pensável do começo ao fim. Por quê? Porque ele só existe na sua imaginação e no papel. Mas uma pessoa real não é pensável assim. Além do que você pensa dela, existem infinitos outros aspectos, dos quais você está consciente, na presença dela, mas não pode transformar em pensamento seu.

Aluno: Mas a intenção não é só, assim, pela utilidade ou por essa questão de narcisismo...

Sim, mas é só narcisismo, isso não tem utilidade nenhuma.

É você se acostumar com a sua presença e aceitar a própria translucidez dela. Porque ela se mostra para você a todo o momento. Você está consciente dela, a todo o momento. É só você não querer dominá-la mentalmente. Aceitar que você existe, pô. E que Deus sabe quem você é. E, se Deus sabe, por que você precisa se preocupar com aquilo?

O narcisismo é uma grande doença da modernidade – é o que eles chamam de “autoconhecimento”. Não precisa ter autoconhecimento nenhum, porra, isso é só bobagem...

Você pode conhecer uma coisa ou outra, por exemplo, sei lá, certas experiências traumáticas que você teve e que te deixaram com um vício mental – você pode, pela memória, ir lá e destrinchar aquilo. Mas é uma coisa que você vai conhecer; uma coisa aqui, outra ali.

A totalidade, você tem que aceitá-la e vivenciá-la – não é representá-la mentalmente. Você não pode se ver como um personagem de romance. Se você

se ver, então, aquele personagem já criou uma forma total, e ele só existe no romance. Que é Dom Quixote além do que está escrito no romance Dom Quixote? Ele não é nada. Tudo o que ele é já está ali. Foi tudo pensado e tudo escrito. Mas, e você?

Você precisa ver o seguinte: você é uma criação da imaginação de Deus e não da sua imaginação. Para eu me conhecer a mim mesmo como uma forma completa, precisaria ter uma imaginação divina e me criar, por assim dizer. Eu não posso fazer isso.

Nós temos capacidade de criar personagens, sim; mas, os personagens só existem na nossa imaginação (e num romance, num filme etc.), não existem carnalmente. Não existem no espaço e no tempo. Então, nós somos criaturas ficcionais de Deus: o romance que Deus escreveu. Só Ele sabe a forma total. E essa forma total, bom, é o seu Juízo Final.

Aluno: Essa é a minha preocupação de conhecer alguma coisa de mim mesmo: o Juízo Final.

Não é por esse meio que você vai...

Aluno: Isso seria um pré-requisito, porque, vamos supor, eu viva numa ilusão, eu não sei que eu sou eu mesmo...

Espere aí. Isso aí não é autoconhecimento, neste sentido. Isso é saber alguns detalhes que você precisa saber. Por exemplo, se você tem um vício – é drogado, é veado, ladrão, qualquer coisa assim... É normal que você queira saber: “por que eu fiquei assim?” Mas, você não vai chegar nisso através desse recurso de querer se imaginar como um todo. Não; você só vai ter que rastrear o fio da meada daquele ponto.

Aluno: Mas, depois, no dia do meu julgamento, se eu já estiver morto, eu vou me reconhecer como um todo...?

Deus vai te mostrar como um todo, Deus vai te mostrar como você é. Um dia, eu pedi para Deus: “me mostra como eu seria, se eu fosse para o Juízo Final, agora” – e Ele me mostrou. Eu era um macaco. Achando “não, assim não está bom, não... preciso um jeito”. O que Ele estava me dizendo? Que eu estava com macaquice. Curiosidade imbecil, você está entendendo? Essa pergunta não se faz, isso é uma besteira. Deus está me fazendo naquele mesmo momento, e tem que deixar (Ele fazer). Não é você querer saber a sua forma. Você faz essa pergunta e recebe uma resposta dessas.

Aluno: (...)

Deus está fazendo você – deixa Ele fazer, ora!

Aluno: Não é se preocupar com a minha forma, mas se preocupar com a salvação...

Mas, salvação, Deus pode dar para você.

Aluno: Claro.

O que você faz para obter a salvação? Você pede. Peça, queira e confie. Pronto. Precisa se preocupar com a salvação de sua alma? “Será que eu vou pro inferno?” Isso aí só vai aumentar o seu narcisismo.

Aluno: Essa quebra do espelho do Narciso é um aspecto de humildade?

Eu não diria “quebra” – é uma dissolução, porque o espírito do Narciso é de água. É só você perceber que é água e que aquilo nunca vai ter uma forma; pronto, acabou, já resolveu o problema!

Aluno: (...)

É uma forma de humildade cognitiva – não moral, mas cognitiva.

Quando você vai falar com Deus, você tem que ter o prazer de perceber que você é um nada. Você não tem personalidade, não tem história, não tem nada. Você é menos que um grão de areia, um subnitrato do pó de bosta. E, no entanto, você tem essa honra de falar com Deus – o que mais você quer?

Agora, ficar pensando nos seus pecados...

Pensar nos seus pecados é uma coisa que você tem que fazer para a sua relação com a espécie humana, inclusive para a confissão sacramental. Só para isso. Mas não para esse “autoconhecimento”.

Os seus pecados, você pode fazer a lista o quanto queira – sempre vai faltar. Então, eu acho que o que você tem que fazer é confessar o pecado fundamental: “eu sou um nada que estou pretendendo, estou fingindo, ser alguma coisa”. Quando, na verdade, o que faz você ter um eu, ter uma unidade, é a ação divina. Deus está botando um eu em você naquele mesmo momento – só Deus tem um eu; você não tem. Ele pôs um em você.

Então, o que tem de mais íntimo, de mais verdadeiro, em você, é a ação divina, que está ali, naquele momento. Você vai informar alguma coisa para Deus? “ah, Deus, eu fiz tal pecado...” Como se Ele não soubesse... Não seja ridículo!

Você tem que perguntar para Ele: “olha, se eu fiz algum pecado, Você me mostra...”

Tudo isto é tentar recolocar as coisas dentro do seu verdadeiro sistema de proporções.

O sistema de proporções está sendo, cada vez mais, perdido na cultura moderna. Por quê? Porque a cultura é voltada para a destruição da inteligência natural e sua substituição pela inteligência artificial.

Qual é a primeira forma de inteligência artificial que existiu? A escrita. A partir da hora em que os caras começaram a escrever, eles começaram a perder memória.

O Orlando Villas-Bôas me contou a história de um antropólogo, que estava lá no meio dos índios, e ele ficava, com um caderninho, fazendo perguntas para todos os índios – pá, pá, pá. Daí, um índio, um dia, falou para ele: “eu nunca vi ninguém escrever tanto quanto você e esquecer tanto quanto você”.

É claro que eu não sou contra a inteligência artificial, mas eu não posso usá-la para substituir a inteligência natural. Porque a inteligência natural é muda: é aquilo que você sabe, mas não consegue pensar, nem dizer. É aquilo que você sabe, porque sabe. Você, por assim dizer, dá por pressuposto. Nem isso; é aquilo que você conta com – com absoluta certeza e sem errar – e nunca falha.

Quando você dorme, você sabe que vai acordar em algum lugar. Sabe ou não sabe? Já aconteceu de você acordar em lugar nenhum? Sem nada em torno? Nunca aconteceu.

Então, quer dizer: você conta com a presença do universo. E, desse universo, você sabe uma infinidade de coisas. Se você tentar pensar, transformar isso em conhecimento pensado, a coisa se esfarela na sua mão. É um conhecimento que você tem, mas não domina. E o que é a ciência ou conhecimento organizado? É o conhecimento que nós dominamos.

Então, dá, assim, para você dizer: é um conhecimento no qual nós estamos e tem outro, conhecimento, que nós dominamos. Nós precisamos dos dois, evidentemente! O primeiro, nós precisamos, simplesmente, para estar vivos e para existir; o segundo, nós precisamos para resolver problemas práticos, da existência.

Mas, como esses problemas práticos, da existência, cessam no instante em que você morre, eles só têm importância durante a duração desta sua vida – não têm importância eterna. Mas o outro – aquele conhecimento que está em você – vai ter sempre, eternamente.

Diz Aristóteles: “a alma é tudo que ela conhece” – esse conjunto do que você sabe, e que não consegue dizer, esse é você. Articulado num centro que você chama de “eu” e que só existe porque Deus quer que exista.

Deu para entender? Então, por hoje é só.

Segunda parte

Aluno: Eu não posso ter níveis de apreensão?

Você não pode apreender a alma imortal, meu filho. Você é uma alma imortal.

Aluno: Mas eu tenho mais e menos consciência disso?

Não...

É você que tem consciência dela ou ela que tem consciência de você?

Aluno: As duas coisas...

Mas este é o negócio! Você está tratando da coisa numa esfera mental; não existencial.

Aluno: Meu objetivo é tratar de forma existencial, não só ficar com jogo de palavras e de pensamento...

Mas o que você está fazendo é tratar do pensamento.

Olha, o conhecimento da alma imortal, você alcança, do mesmo modo que alcança o conhecimento da presença do universo: não há nada que você possa fazer para alcançar esse conhecimento, só tem que aceitar...

E, para aceitar, no fundo, no fundo, é isso que esse pessoal dessas técnicas orientais quer dizer com “parar de pensar”. Parar de pensar, eles nunca pensam (sic).⁶ Mas é não prestar muita atenção no pensamento; começar a prestar a atenção na realidade, quer dizer, na presença do universo, na sua própria presença. E ficar tranquilo.

Aluno: Por exemplo, a vida de um santo. Não dá a impressão que ele tem mais...?

⁶ Parar de pensar, eles nunca **param**.

Eu não tenho a menor idéia...

Eu não tenho a menor idéia de como é a vida de um santo.

Aluno: Dá essa impressão, de que ele tem uma consciência, uma apreensão, mais efetiva da alma imortal, de que ele vai, um dia, ter uma forma final que vai se apresentar diante de Deus.

E como é que ele obteve isto?

Aluno: Então...

Quer dizer: é por fé. E o que é a fé? Fé é confiança. Então, você tem confiança? Você (então) está como o bebê que se deita no colo da mãe, confiante de que ela não vai jogá-lo pela janela. O bebê precisa pensar? Fazer algum esforço?

Aluno: Não precisa fazer nada.

Não precisa fazer nada. Só precisa ter a confiança.

Agora, as pessoas não têm nem confiança na presença do universo, vão ter confiança em Deus?

Agora, você veja uma frase que me encantou – uma frase do Alain,⁷ filósofo francês –, dizia que “ninguém conseguiria dormir, se não tomasse a decisão de que todos os problemas podem ficar para amanhã”. Não é isso? Então, esse problema também pode ficar para amanhã.

Aluno: Olavo, você diria, então, que é um problema tentar conhecer, de forma útil, a alma imortal, ou estudá-la...?

Esse é o verdadeiro sentido da fé: é a confiança. Confiança, não de que Deus vai fazer tal coisa no futuro – não! A confiança, agora, neste momento.

Existe uma realidade infinita que te sustenta. Isso aí o pensamento não consegue produzir.

O pensamento consegue reconhecer – na hora em que reconhece, ele acha que é melhor parar de pensar no assunto. É inútil pensar no assunto.

Aluno: Não seria um objeto de estudo interessante? (...)

⁷ Cf. <http://classiques.uqac.ca/classiques/Alain/Alain.html>

É um objeto de estudo...

Aluno: (...) os limites do poder da alma imortal?

Você não pode conhecer isso aí.

Aluno: Eu posso experimentar.

Mas para quê? Você está, de novo, querendo fazer da alma imortal um objeto – ela não pode ser um objeto, ela é um sujeito. Ela é você.

Na hora em que você a transforma num objeto, você transforma por abstração. Por abstração, você separa um pedaço dela e está pensando naquele pedaço. Então, já não é a alma imortal; é uma representação subjetiva da alma imortal, feita abstrativamente. É um objeto criado por você mesmo.

Aluno: Isso eu quero evitar, por exemplo, não tratá-la como um objeto de ciências, de fazer experimentos que seriam repetitivos (sic), que poderiam ser transmitidos (...)

Você pode, até, fazer isso.

Aluno: (...) como uma técnica ascética, mesmo que eu nunca transmita para ninguém.

Você pode, até, fazer isso, está entendendo? Mas, você tem que entender que a alma imortal não é, jamais, um objeto.

Nem (uma) outra pessoa, você pode conhecer como objeto. Quanto mais você mesmo.

Esse é um conhecimento que você tem, quando não está procurando. Quando começa a procurar, você pára de ter. É um conhecimento que você só pode receber, porque ele já está dado e já está aí.

Aluno: Igual o tempo, para Santo Agostinho...

É.

A mesma coisa: “quando não penso, eu sei; quando eu penso, não sei mais”.

Aluno: Porque, no fim das contas, isso seria a coisa mais importante para cada um...

Você veja: não é a alma imortal que vai entrar na sua consciência: é a sua consciência que vai se amoldar à realidade e à presença da alma imortal. E como é o jeito da sua consciência se adaptar a isso? É ficando quietinha, não

enchendo o saco (entendeu?) e deixando que a vida fale – que a presença do objeto, fale.

Aluno: A presença total do Lavelle, esse tipo de estudo, não seria, de certa forma, uma tentativa...

Não, a presença total é outro negócio. Ela é um dos elementos do que eu estou te explicando. Mas não é tudo.

Aluno: Ou seja: a alma imortal tem muito mais interesse, é uma realidade muito mais concreta do que toda a natureza...

Sem dúvida, sem dúvida.

Aluno: Todo esse resto, uma hora vai passar...

Note que Deus diz que vai fazer um novo céu e uma nova terra;⁸ Ele não diz que vai fazer você, de novo.

Aluno: É... Exato.

Ele diz que vai te dar uma nova modalidade de existência;⁹ mas não vai criar você, de novo. Este mundo – o céu e a terra – pode ser desfeito, e feito, de novo. Você não: você foi feito de uma vez para sempre.

Se a alma imortal é muito mais (“concreta do que toda a natureza”); o conjunto delas é uma realidade que transcende, infinitamente, este mundo. Mas, Deus transcende, infinitamente... Para além do conjunto das almas imortais, existem os mundos angélicos; para além dos mundos angélicos, existe Deus.

Aluno: Nesses outros mundos, por exemplo: o anjo tem uma forma fixa, definida, ele não está mais em...

Sim.

Aluno: Ou seja: a gente só tem essa vida, até no dia da minha morte... Depois que eu morrer, acabou. Eu vou ser aquela forma...

⁸ V.g.: “Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão” (Isaías 65:17); “Porque, como os novos céus, e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante da minha face, diz o SENHOR, assim também há de estar a vossa posteridade e o vosso nome” (Isaías 66:22) etc.

⁹ V.g.: “E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis” (Apocalipse 21:3-5) etc.

Essa vida existe para você se adaptar à sua condição de alma imortal. Quer dizer: você é criado como alma imortal, mas com um estágio mortal, inicial.

Aluno: Mas depois dessa morte física, eu vou atingir a forma que, dali para frente, vai ser imutável.

Eu não sei... Não tenho a menor idéia.

Se Deus quiser te mudar, Ele pode te mudar, também.

Existe alguma forma de temporalidade na vida eterna; alguma forma incompreensível, porque acontecem coisas. E, onde acontece, você não pode dizer que não existe tempo. Existe tempo, mas não é como o nosso tempo, aqui.

Nosso tempo, aqui, de certo modo, é linear e irreversível. Na eternidade, existem todas as dimensões de tempo, ao mesmo tempo – eu não sei explicar como é isso, mas, dizem que é assim.

Então, alguma temporalidade existe, alguma coisa acontece.

Aluno: Mesmo que a gente já tenha a forma final, e os anjos também...

Você está querendo que eu explique como é o Céu, eu não sei como é o Céu...

Aluno: Estou querendo saber os poderes, até onde pode uma alma imortal...

Não dá para responder isso aí!

Aluno: Uma técnica espiritual, ascética, poderia...

Mas, ninguém, jamais, respondeu isso aí!

Aluno: Claro, claro... não de forma absoluta, mas pode ser um objeto de investigação ao longo de uma vida...

O Cristo disse: “em Mim tudo podeis fazer”;¹⁰ portanto, em princípio, não há limite. Mas, Ele disse “em Mim”; não é: “vocês”, “por você”. Então, através de Deus, você pode fazer qualquer coisa, pode mudar o curso da História.

Aluno: Quando o padre Pio, por exemplo, faz milagre...

¹⁰ “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito” (João 15:7).

Claro.

Em princípio, não há limites, mas... Por isso que perguntar não faz sentido: porque não são poderes intrínsecos da alma imortal. São poderes que ela tem...

Aluno: Alguma autonomia a alma imortal tem que ter...

Tem, tem; você tem autonomia de ir para o Céu ou para o inferno, você pode...

Aluno: Então, ela pode ir para o inferno...

Você pode escolher. Só vai para o inferno, quem escolhe. Lê o livro do Monsenhor de Ségur:¹¹ os caras que estão no inferno, todos eles, acham inteiramente justo irem para o inferno. Eles concordaram!

Aluno: E continuam existindo como alma imortal...

Mas eu duvido que, se o sujeito disser: “não, eu não quero; eu quero Você, não quero ir para o inferno”, eu duvido que Jesus te expulse. Ir para o inferno é uma questão de você querer, está entendendo?

Aluno: E o tipo de pessoa que, depois que morrer, não tem consciência de si mesmo, nem o suficiente para formular essa pergunta, nem para querer isso... Que viveu uma ilusão da mais vagabunda a vida inteira...?

Como é que eu vou saber? Como é que eu vou imaginar uma coisa dessas, pô? Eu mal sei de mim mesmo...

É o tal negócio: esse pessoal vem com umas perguntas que nem Deus sabe. E são perguntas que bloqueiam a inteligência humana.

Aluno: Por quê? Em que sentido?

Porque levam você num beco sem saída, levam você numa contradição e, daí, não tem mais resposta.

Aluno: Por outro lado, eu poderia deixar essa pergunta aí e saber que eu estou aberto ao universo...

¹¹ *O inferno: se existe, como é, como evitá-lo*. Tradução e notas de Diogo Chiuso. Campinas, SP: Ecclesiae, 2011, 132 pp.

Mas por que fazer...? Olhe, eu nunca recomendo que a pessoa faça grandes perguntas; mas, que tente conhecer alguma coisa. Mas alguma coisa concreta, não é?

Aluno: (...)

O orgulhoso se fode, não é?

Então, vamos dizer, a fé também é o seguinte: você saber que, se você realmente quiser saber alguma coisa, seriamente, Deus vai te informar no tempo devido. Você pergunta para Ele... Não é para mim que você tem que perguntar; tem que perguntar para Ele.

Mas você vai ver que não consegue fazer essa pergunta para Ele – consegue fazer para mim, para Deus você não consegue fazer. Na hora que você vai abrir a boca, você fala: “mas que besteira”.

E as perguntas que você não pode fazer a Deus (é porque elas) não fazem sentido.

Você pode perguntar a Deus, por exemplo, se você tem um vício ou um pecado, você pode perguntar: “por que eu sou assim? O que me tornou assim? Mostra, para mim, a história”, isso eu já fiz muitas vezes. E acabo sabendo. Mas é um pedaço da minha história – e que é bom eu saber.

Mas, “quais são os poderes da minha alma imortal?” – pergunta isso para Deus para você ver: você não consegue formular essa pergunta.

Aluno: No final dos tempos, no final de tudo, eu não vou saber a verdade última sobre mim mesmo? Ou, cada um, não vai saber a verdade última sobre ele mesmo?

Se você souber a verdade última, a existência no Paraíso vai ser uma chatice.

Aluno: Não sobre tudo, mas pelo menos sobre...

Vou dizer uma coisa: você vai chegar ao Paraíso e vai ter a contemplação de Deus. E você acha que Deus vai acabar?

Aluno: Não!

Então, como é que você vai saber sobre tudo? Deus não vai ter nada novo para te mostrar? Já pensou? Seria uma sacanagem, Deus te mostrar, todo dia, a mesma coisa, a mesma coisa... Que é isto, pô?! Deus é criatividade infinita!

Aluno: Ou seja, ele fez a gente, justamente, para contemplar...

Sim, contemplar o que? Sempre a mesma coisa?

Aluno: Não...

Não!

Por exemplo, se você fala “bondade infinita”, “beleza infinita” etc., então, quer dizer que **não vai acabar**... E, se não vai acabar, nunca você vai saber tudo!

Aluno: (...)

Nós não fomos feitos para saber tudo – nem nesta vida, nem na outra. “Saber tudo”...

Mesmo que você seja uma alma imortal, você não é eterno. Porque você nasceu num certo dia, você não existia: você começou; então, você não pode saber tudo. E o que veio antes? Você só pode saber indiretamente, não pode ter um conhecimento experiencial daquilo.

Os anjos não sabem tudo...

Aluno: Sobre eles mesmos?

Nem sobre eles mesmos.

O “saber tudo” é auto-contraditório.

Aluno: Claro, claro... Em termos absolutos...

Para saber tudo, você precisaria, também, poder tudo e ser tudo – só Deus pode saber isso. Agora, pode deixar, que você vai saber um bocado de coisas...

O saber infinito é contraditório com uma criatura finita. Mesmo como almas imortais, somos finitos. Como é que nós sabemos? Porque eu sou uma alma imortal, e não duas. O Céu está cheio de almas imortais que não são você. Porque, se todas fossem você, bom, você ficaria sozinho lá e seria uma chatice.

Aluno: (...)

Então, acabou? Acabou.

Transcrição e Revisão: Athos Barbosa